

As cidades campeãs do desemprego

Estrutural, Itapoã, Planaltina, Paranoá, Brazlândia e Santa Maria têm mais de 25% de sua população sem trabalho

ALLESSANDRA CINTRA

Em seis cidades do Distrito Federal, o desemprego se transformou num grande pesadelo. Estrutural, Itapoã, Planaltina, Paranoá, Brazlândia e Santa Maria têm taxa de desemprego superior a 25%. Ou seja, de cada 100 moradores, 25 estão sem trabalho. Nessas localidades, os índices estão bem acima da média brasileira, que é 18,2%, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada pela Secretaria de Planejamento.

Estrutural é a região com maior número de desempregados no DF, 29,8%. Em seguida, vêm Itapoã, com 29,2%; Planaltina, com 27,7%; Paranoá, com 26,8%, Brazlândia, com 26,1%; e Santa Maria, com 25,7%. E, sem emprego, a renda per capita da população cai. Itapoã lidera o ranking de menor renda per capita do DF, com R\$ 102. A Estrutural vem em segundo lugar, com R\$ 115. Nas demais cidades analisadas, a renda per capita não passa de R\$ 316. A média no DF é de R\$ 625 por cidadão.

Se o desemprego é grande entre os moradores destas cidades, o mesmo não pode ser dito daqueles que moram no Sudoeste e no Lago Sul. As duas regiões apresentam os menores índices de desemprego do DF, ambas com taxa de 2,2%. O bom grau de escolaridade é apontado pelos moradores como o principal motivo para este resultado da pesquisa.

Quase metade da população do Lago Sul e do Sudoeste tem curso superior. São

49,2% de pessoas que concluíram a faculdade nas duas cidades, contra 0% na Estrutural e 0,2% no Itapoã. Nestas localidades, a maioria da população só tem até o Ensino Fundamental. O analfabetismo também registra índices significativos em Itapoã e Estrutural, com 8,1% e 6,7% da população.

QUALIFICAÇÃO - Para reverter esta situação, o secretário de Trabalho, Leonardo Prudente, afirma que o governo está empenhado em ações que criem postos de trabalho e beneficiem as regiões mais carentes do DF. "Cursos de formação e qualificação profissional são as nossas prioridades para estas regiões", diz.

Segundo ele, a secretaria está com dois programas em andamento para início no ano que vem. O Primeiro Emprego irá beneficiar jovens com bom nível de escolaridade e o Frente de Trabalho será direcionado a pessoas que queiram trabalhar em pontos turísticos do DF. "Aliado a isso, estamos sempre buscando a qualificação profissional dos nossos trabalhadores com cursos de aperfeiçoamento".

NOVAS VAGAS - Segundo dados da secretaria, 30,4 mil novos empregos foram gerados nos nove primeiros meses deste ano. Destes, 75% foram disponibilizados pelo setor privado. Segundo os níveis de escolaridade, 1,7 mil foram ocupados por trabalhadores analfabetos, 12,6 mil por detentores do Ensino Fundamental, 7,2 mil por trabalhadores com Ensino Médio e 8,8 mil com nível superior.



O casal Raimundo e Maria Aparecida está sem emprego há anos e sobrevive de bicos e do aluguel de um quarto no barraco

Procura por uma vaga dura dez anos

Há 10 anos, o pedreiro Raimundo Nonato de Souza, de 36 anos, morador do Paranoá, sobrevive de bicos. Ele conta que quando vai procurar um emprego, a primeira coisa que o empregador deseja ver é se constam registros anteriores em sua carteira de trabalho. "Eles querem referências, mas como nunca tive minha carteira assinada, perco a oportunidade de emprego. Mas como vou ter essas referências se ninguém me dá a chance de mostrar que sou

bom no que faço?", questiona.

Raimundo divide um barraco de quatro cômodos com a mulher, Maria Aparecida Silva, 34 anos, e os quatro filhos do casal. Aparecida enfrenta a mesma situação do marido. Há três anos e meio não consegue arrumar um emprego. Ela conta que sempre trabalhou como doméstica em casa de família, mas que de alguns anos para cá a situação ficou mais complicada porque os patrões preferem domésticas que durmam no trabalho.

"Como tenho marido e filhos pequenos, não posso ir para casa só nos finais de semana".

Raimundo e Maria têm dinheiro suficiente apenas para se alimentar. Por sorte, não pagam aluguel. Moram em um barraco que Raimundo herdou do pai. Para aumentar a renda familiar alugam um dos quartos da casa por R\$ 100 por mês. Os dois só cursaram até a 4ª série do Ensino Fundamental.

No quartinho alugado, mora Iracema Maura de Oli-

veira, 43 anos, também desempregada, e seus cinco filhos. Há dois meses, ela separou-se do marido e começou a procurar emprego, mas sem bons resultados. "Está difícil. Topo fazer qualquer coisa, mas ninguém me dá uma oportunidade. Estou ajudando uma amiga a vender galinhas na feira, mas não dá para nada", reclama.

O aluguel do quarto que mora com os filhos ela paga com os R\$ 180 do Bolsa Família que recebe do governo.

FOTOS: WENDERSON ARAÚJO